

## **A MARCA LEXICOGRÁFICA “TERMO DO BRASIL” NO VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE D. RAFAEL BLUTEAU**

Maria Filomena GONÇALVES<sup>1</sup>

*Nenhum homem, por douto que seja, sabe o significado de todas as palavras do seu idioma; quando muito terá noticia dos termos da arte, que professa; das mais artes saberá a caso alguns nomes, todos os mais ignora. A homens falladores lhes causa esta ignorancia notavel embaraço.*

(BLUTEAU, 1728, p.535)

- **RESUMO:** O objectivo deste trabalho é analisar a marca lexicográfica “termo do Brasil” no Vocabulario Portuguez e Latino (1712-1721) de D. Rafael Bluteau. Este lexicógrafo dicionarizou uma parte do léxico brasileiro dos inícios do século XVIII, ao incluir muitas palavras relativas ao Brasil (“brasileirismos”) no seu Vocabulario, assinalando-as com uma marca lexicográfica própria. Além daquela “marca”, são analisados os tipos de definição a ela associados, bem como as fontes utilizadas por Bluteau.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Marca lexicográfica; léxico do Brasil; lexicografia portuguesa.

### **Apresentação**

É hoje ponto consensual que o dicionário está longe de ser um mero repertório lexical ordenado alfabeticamente. De facto, se a prática do lexicógrafo, ademais de problemas de teoria linguística e de técnica lexicográfica (HAENSCH et al., 1982), tem subjacentes princípios de natureza lexicológica, semântica e pragmática, não é de estranhar que a micro-estrutura do dicionário reflecta a dimensão diassistemática da língua, sem se restringir ao inventário lexical. A par da definição, seja esta sinonímica ou parafrástica, seja linguística ou enciclopédica (WERNER, 1982, p.259-285), o enunciado lexicográfico (PORTO DAPENA, 2002, p.35) proporciona ao consulente informações que, por pertencerem quer ao campo dos níveis de língua, quer ao da hierarquização dos

---

<sup>1</sup> Universidade de Évora – Departamento de Linguística e Literaturas – 7002-554 – Évora – Portugal. Endereço eletrónico: mfg@uevora.pt

usos linguísticos, transcendem a estrita elucidação semântica que leva o leitor a folhear o dicionário. Muito embora os lexicógrafos não possuíssem, em séculos passados, nem o arcabouço teórico e técnico, nem as ferramentas da lexicografia actual, é inegável que nos antigos dicionários se repercutiram a reflexão metalinguística e as técnicas da época em que foram produzidos, aspectos hoje analisados na moderna metalexigrafia. Fruto da doutrina linguística e da prática lexicográfica dos alvares de Setecentos, o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1721) de D. Rafael Bluteau, mercê da variedade e riqueza do material nele compilado, presta-se ao estudo de inúmeros aspectos metalexigráficos. Um deles é a marca lexicográfica, assunto de que trata o presente trabalho.

Com efeito, o *Vocabulario* de Bluteau

actualizou e aumentou cinco vezes mais aproximadamente o 'corpus' lexical português até então dicionarizado, e passou a constituir uma referência obrigatória e quase definitiva para toda a lexicografia subsequente. (VERDELHO, 2002, p.23)

Segundo Verdelho (2002, p.23), o *Vocabulario* corresponde ao modelo de dicionário autorizado e locupletíssimo. Contudo, o lexicógrafo estava bem ciente das dificuldades que assistiam à constituição da nomenclatura. Pese embora a extensão monumental do seu *Vocabulario* (8 vols. mais 2 de *Suplemento*), D. Rafael Bluteau não pretendeu compendiar a totalidade do léxico da língua portuguesa, conforme explica a dado passo:<sup>2</sup>

O Autor de qualquer vocabulario não está obrigado a trazer todo o género de vocábulos; porque estes ou são nome se cousas, ou nomes de pessoas. [...] Os nomes de todas estas, juntamente com os de todas as sciencias, artes, & exercicios, são a materia, & o objecto do vocabulario de hũa, ou mais lingoas. (BLUTEAU, 1721, p.562)

É de realçar a referência às 'linguagens técnicas', vale dizer, aos termos das ciências, das técnicas e dos ofícios manuais, hoje compreendidos no conceito de 'tecnolecto', e cuja inclusão merece destaque porquanto será este um dos aspectos mais relevantes – e são inúmeros – da prática lexicográfica de Bluteau, a quem se deve a primeira dicionarização de muitas unidades lexicais não só

---

<sup>2</sup> Nasceu em Inglaterra no ano de 1638. De origem francesa, a família trocava o apelido Chevalier pelo do Lord Blutaw (SILVA, 1862, p.42-45; MÜHLSCHLEGEL, 2002, p.145), que a acolhera em sua casa. Aos seis anos, em companhia da mãe, instala-se em Paris, vindo depois a estudar no colégio de La Flèche, dos jesuítas de Clermont e nas universidades de Paris, Verona e Roma, onde se doutora em Teologia. Ingressa na ordem dos teatinos ou de São Caetano em 1661 e chega a Portugal em 1668. Depressa aprende o português, cujo domínio acrescentará ao do inglês, francês, italiano e espanhol, além do latim e do grego. Devido a intrigas de que teria sido alvo, refugia-se em França entre 1697 e 1704. De regresso a Portugal, durante dez anos viveu no Mosteiro de Alcobaça, onde terminou a sua obra lexicográfica. Regressa a Lisboa em 1713 e, graças à protecção de D. João V, consegue publicar o *Vocabulario Portuguez e Latino*. Morre em Lisboa, no ano de 1734, com 95 anos de idade.

daquela como de outra natureza. Embora D. Rafael Bluteau definisse ‘dicionário’ como o “livro, em que as palavras de huma, ou mais línguas estão impressas, por ordem alphabetica” (BLUTEAU, 1713, p.214), equivalente de ‘vocabulário’, que era definido, por sua vez, como “repertório de vocábulos” (*id.*), na verdade o seu *Vocabulario* contempla toda a diassistematicidade da língua. Na perspectiva lexicográfica de Bluteau, os ‘dictionarios verbaes’ não deviam concorrer com os ‘dictionarios históricos’,<sup>3</sup> motivo por que os nomes de figuras históricas e nomes similares não tinham cabimento num dicionário de língua. Já o mesmo não se podia dizer dos termos tecnolectais,<sup>4</sup> os quais, em virtude da sua função social, deviam ser integrados no *Vocabulario*, onde receberiam tratamento idêntico ao das demais palavras, conquanto fossem assinalados por uma marca específica, à semelhança de outras formas de variação – a cronológica e a espacial, por exemplo –, também elas identificadas por uma marca própria. Que este procedimento seria uma inovação lexicográfica ao tempo de Bluteau, assim se conclui dos argumentos aduzidos pelo Autor para justificar a inclusão de palavras de baixo coturno, relativas a actividades fabris e mecânicas. Com efeito, para auxiliar o consulente em toda sorte de matérias, artes e ofícios, tornava-se necessário dicionarizar muitas palavras que antes de Bluteau andariam arredadas do reportório lexical, não obstante serem imprescindíveis ao conhecimento de certas actividades. A dicionarização de tais unidades lexicais determina, por outro lado, a justificação de algumas das Autoridades arroladas no *Catalogo Alphabetico, Topographico, e Chronologico dos Autores Portuguezes*, incluído no 1º volume do *Vocabulario* (GONÇALVES, 2002b). Antecipando-se às críticas suscitadas por autores que não eram “[...] todos igualmente de boa nota” (BLUTEAU, 1712, p.ii, Catálogo), aos eruditos replicava Bluteau com a necessidade de abonar toda a sorte de palavras – antigas, desusadas, escuras, peregrinas e greco-latinas –, o que deixa entrever um conceito abrangente de ‘Autoridade’, visto incluir autores que, a despeito da sua baixa qualidade literária,

<sup>3</sup> No “Vocabulario de Vocabulários”, incluído na Parte II do *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino* (1728), esclarecia Bluteau sobre tal distinção: “Muita diferença vay de Dictionarios Historicos aos que chamo Verbaes; estes ensinão o uso das palavras, aquelles daõ noticia das pessoas” (BLUTEAU, 1728, p.536). Se o exemplo consumado de Dicionário Histórico era o de Moreri, já o Dicionário de Língua tinha o seu melhor modelo em Furetière e na Academia francesa.

<sup>4</sup> Vale a pena recordar que do frontispício do *Vocabulario Portuguez e Latino* constavam epítetos referentes aos domínios terminológicos contemplados na obra. O assunto da variação diatécnica é retomado por Bluteau ao reforçar a distinção entre o dicionário histórico e o dicionário de língua: “Pelo contrario em bons dictionarios de Linguas, ou (como já lhes chamey) Verbaes, se achaõ todas as disciplinas com os termos, de que usaõ, alfabeticamente explanadas; apparecem descripçoens das plantas, dos animaes, dos insectos, dos mineraes, dos metaes, das pedras brutas, e finas, das drogas naturaes, e artificiaes, nestes mesmos Theatros da locuçaõ, e da erudiçaõ fazem a Theologia Moral, a Escolástica, a Jurisprudencia Civil, e Canonica, a Geometria, a Geographia, a Hydografia [sic], a Astronomia, a Gnomonica, a Musica, a Optica, a Catoptrica, a Dioptrica, a Perspectiva, a Pyrothecnica; a estas se ajuntaõ a Nautica, a Caça, a Altenaria, ou Alta volateria, a Pesca, a Agricultura, a Armeria, a Rhetorica, e a Poesia com etymologias, com Adágios, e termos de Naçoens do Oriente, e do Occidente tirados das Relaçõens, que ficaraõ de curiosos, que por terras estranhas andaraõ” (BLUTEAU, 1728, p.536-537).

ademais de imprescindíveis à elucidação de textos antigos, eram os únicos a fornecer comprovação textual para certos termos tecnolectais. Deste modo, sem prejuízo das Autoridades (GONÇALVES, 2002a) convenientes à normatização linguística e ao “estilo levantado, poetico ou Oratorio” (*id.*), cada âmbito técnico-profissional teria as suas próprias Autoridades:

De todos os Autores Portuguezes, que me vierão à mão, fiz este catalogo, não sò para seu credito delles, mas para autoridade deste Vocabulario, porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, & extraordinário, que não venha autorizada com algum exemplo, & juntamente com a citaçam da pagina do Autor allegado. Atè das palavras mais vulgares muitas vezes trago exemplos, paraque conste do sentido, em que forão usadas; & não he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros, & chulos, muitas vezes se levantão controversias, que sò com o exemplo de um autor se decidem.

Aos que condenarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo que me aproveitei de todos, porque nas materias da sua profissam, cada hum delles é Texto. [...]

Tambem não fiz escrupulo de allegar com Alguns Autores, que com algumas palavras offendem a pureza da Lingoa Portugueza; porque nestes taes achei outros termos, & vocabulos, muito próprios. (BLUTEAU, 1712, p.i-ii, *Catalogo*)

Afora as Autoridades, o enunciado lexicográfico do *Vocabulario* caracteriza-se pela inserção de marcas identificativas da variação linguística em todas as suas dimensões: diacrónica ou temporal, diatópica ou geográfica, diastrática ou social, diafásica ou estilística, diatécnica ou técnico-profissional. A ‘marcação’ de tais particularidades faz-se por meio de expressões específicas, vale dizer, ‘marcas’ (PORTO DAPENA, 2002, p.250; ETTINGER, 1982, p.36-152).<sup>5</sup> Indicadas de forma abreviada, tais informações são de tipo metalinguístico e destacam-se do enunciado lexicográfico por meio de itálico, de parênteses ou de outro expediente tipográfico.

## As ‘marcas lexicográficas’ no *Vocabulario Portuguez e Latino*

No *Vocabulario* encontram-se marcas correspondentes a todas as formas de variação acima referidas, sendo estas inseridas na micro-estrutura por meio de parênteses. A seguir far-se-á a exemplificação da ocorrência das marcas diassistemáticas presentes da obra de D. Rafael Bluteau.

<sup>5</sup> Porto Dapena (2002, p.250-265) estabelece três tipos de marcas: as gramaticais (categoria e subcategoria da palavra), a de transição semântica (*fig.*, em particular, por excelência, etc.) e as diassistemáticas (diacrónicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas). Para Porto-Dapena, a marca diatécnica pertence ao âmbito da marcação diastrática, ao passo que Haensch (1982, p.145) faz a distinção entre esses dois domínios. Para uma reflexão sobre a variação e a normalização da língua portuguesa no século XVIII, ver Thielemann (2001) e Marquilhas (2001).

<b>Termo antigo / Palavra antiquada / Palavra pouco usada</b>			
ERA (Termo antigo cronológico usado em Espanha), p.186.	FAÏM. Faím (Termo antigo). Espadim, coto, p.14.	PINCHAR. Palavra antiquada, ou pouco usada. Val o mesmo que lançar fora com violência, ou estrondo, p.512.	XIUER. Palavra antiquada, p.617.

Quadro 1 – Marcação diacrónica no *Vocabulário* de Bluteau

<b>Marca diatópica relativa a realidades extra-europeias</b>					
<b>Termo da</b>	<b>Termo do</b>	<b>Termo</b>	<b>Termo arábico / ou</b>	<b>Termo de</b>	<b>Palavra</b>
MANGELÎM (Termo da Índia), p.290.	URUXI. Termo do Japão. He hum verniz excelente, que faz reluzir como espelhos as obras em que se assenta [...], p.593.	MASTIDÎM. (Termo Persiano), p.345.	XERGÃO, ou Xarife. (Termo arábico, ou Mourisco), p.14.	TAMUNGO. Termo da gente Malaca, p.36.	CAIMAÕ. Palavra Malabarica, p.41.
Xendi. Termo da Índia, p.614.	IACATA. Iacatã. Palavra do Japão. [...], p.5.		XANTER. Palavra arábica, p.612.		

Quadro 2 – Marcação diatópica no *Vocabulário* de Bluteau

<b>Marca diatópica e variação regional</b>			
<b>Termo / Palavra do Algarve</b>	<b>Palavra da Beira<sup>6</sup></b>	<b>Termo do Alemtejo</b>	<b>Termo / Palavra de Trás-os-Montes</b>
AÇOFEIFA. (Palavra do Algarve). Maçaã de nafega, p.103.	ESPARRUCHAR. Palavra da Beira. Val o mesmo que esparzir á roda agoa, p.259.	ESCOXAR. (Termo do Alemtejo). Alimpar, p.224.	MALGA. Palavra da Província de Tras-os-Montes. Tomase por tigela [...], p.268.

Quadro 3 – Marcação diatópica (variedades regionais do português)

<sup>6</sup> Esta marca diatópica é uma das mais frequentes no *Vocabulário* de Bluteau. A circunscção dialectal das formas também pode ser marcada sem recurso aos parênteses ou, ainda, pela simples menção da região em que a forma tem circulação: "Pigaça, ou pera pigaca. Na *Beyra* he pera de conde" (BLUTEAU, 1720, p.501); "Pigarro. Assim chamaõ na Beira, & outras partes o ronco, ou pejo, que faz o estillicidio, ou catarro na garganta" (ibid.); "Pincha. Em algũas partes da Beira he galheta" (BLUTEAU, 1720, p.512).

Na variação diastrática cabem os níveis e registos associados a certos grupos sociais, diferenciados pela faixa etária ou pelo estrato social, como aconteceria, por um lado, com as crianças (“meninos”, “rapazes”) e os termos relacionados com as suas actividades lúdicas, e, por outro lado, com os negros, cuja fala, por ser estigmatizada, recebia uma marca própria. Ao âmbito diastrático ou sociolectal não é estranha, portanto, uma hierarquização social e estilística das palavras, traduzida na destrição entre termos do ‘vulgo’, termos ‘chulos’ e termos ‘baixos’. Com efeito, a esta tipologia está subjacente uma avaliação normativa das palavras, o que leva D. Rafael Bluteau a ter de justificar a sua inclusão num *Vocabulario* obviamente destinado ao leitor culto:

Atè das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, paraque conste do sentido, em que foraõ usadas; & naõ he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros, & chulos, muitas vezes se levantaõ controvérsias, que sò com o exemplo de algum autor se decidem. (BLUTEAU, 1712, p.i, *Catalogo*)

<b>Termos de certos grupos sociais</b>	<b>Termo vulgar / Termo do vulgo</b>	<b>Termo chulo</b>	<b>Termo baixo</b>
ESGARABULHAR. (Termo de meninos, que jogaõ ao piaõ), p.244.	ENCARQUILHADO (Termo vulgar), p.85.	ESCANGALHARSE com riso (Termo chulo), p.207.	ENGARANHADO. (Termo baixo), p.115.
ESGARRAM. Termo de rapazes, que jogaõ ao Arreborrinho, p.245.	ESCANCARADA. porta totalmente aberta. (Termo do vulgo), p.122	BOQUISECO. (Termo chulo). Ficar boquiseco. Emmudecer, p.155.	
MACHÏRA. (Termo de cafraria), p.835.	ESCANCHARSE. Abrir muito as pernas. (Termo do vulgo), p.206.	ENGULIPAR. (Termo chulo). i.e. engolir, p.124.	
	ESCARAFUNCHAR. (Termo vulgar), p.210.	ESCAFEDER. (Termo chulo). Sahir ou fugir, p.202.	
	ESCARRAPACHARSE. (Termo do vulgo). Abrir muito as pernas, p.213	GALFARRO. Termo chulo, p.13.	

PICOLA. (Termo dos Padres da Companhia). Dar huma picola [...], p.500.	ESCORREITO. Palavra do vulgo, p.222.	MACHAGÂZ. Palavra chula. Homem grandalhaõ com desmancho [...], p.234.	
TAMINA. <sup>7</sup> (Termo dos Negros do Brasil). He aquella certa medida, mayor, ou menor, pela qual no Brasil se costuma dar raçaõ aos escravos, ou seja de arroz, ou de farinha de pão, ou e outro qualquer género, a qual ordinariamente se faz de cocos, partidos pello meyo, ou de cuyas, ou de outra matéria, que sirva para o mesmo ministério, p.35.	ESMURILHAR. Termo do vulgo, p.249.	XIS-GARAVIS. Termo chulo. Alegre, jovial, engraçado, p.617.	

Quadro 4 – Variação diastrática e diafásica

A mais frequente é marca relativa ao ‘termo do vulgo’,<sup>8</sup> abundando igualmente as palavras classificadas como termos chulos,<sup>9</sup> cuja inclusão na nomenclatura do *Vocabulario* fora justificada pelo lexicógrafo quer no Catálogo de Autores, quer no Prólogo.

Não menos relevante que a sócio-estilística é a marcação associada a actividades profissionais, ofícios e artes mecânicas, a cujo respeito esclarece Bluteau:

Neste genero de noticias sempre me pareceraõ mais versados os professores de artes fabris, e mecanicas, do que os homens nobres no exercicio, e ministério de seus cargos, e officios. Ordinariamente todo o official sabe os nomes de todos os instrumentos, e modos de fallar próprios da arte, que exercita. (BLUTEAU, 1728, p.535)

Embora o Autor entenda ser mais ampla a esfera das ciências e artes liberais do que a das artes fabris e mecânicas, não são poucas as marcas lexicográficas referentes às segundas, consoante mostra o quadro abaixo, no qual também se incluem algumas marcas relacionadas com “Sciencias, e Artes nobres”.

<sup>7</sup> No *Dicionário Etimológico* de Cunha (1994, p.753) esta palavra tem a sua 1ª datação em 1813, apesar de Bluteau, que é uma das fontes daquele lexicógrafo, já a ter registado com o mesmo significado.

<sup>8</sup> A estas acrescentem-se ainda: “Enfunar. (Termo vulgar)”, p.108; “Marruaz. (Termo do vulgo)”, p.345; “Massagada. (Termo do vulgo)”, p.353; “Esmurilhar. Termo do vulgo”, p.249; “Pilhancara. Palavra do vulgo”, p.506.

<sup>9</sup> Além destas, veja-se “Machachetas. Termo chulo” (BLUTEAU, 1716, p.234).

<b>Marcas diatómicas ou de uso profissional</b>			
<b>Termo de pintor</b>	<b>Termo de caçador</b>	<b>Termo de moedeiro</b>	<b>Termo de agricultor</b>
ESCORÇAR. (Termo de Pintor), p.220.	ENCARNAR. (Termo de caçador), p.85.	BRACEAGEM. Breceagem. (Termo de moedeiro), p.174.	ESCANTILHAM. Termo de Agricultor, p.207.
<b>Termo de barbeiro</b>	<b>Termo de boticário</b>	<b>Termo de alfaiate</b>	<b>Termo de cozinheiro</b>
ESCANHOAR. (Termo de barbeiro), p.207.	JULEPE. (Termo de Boticário), p.221.	ENTRETELAR. (Termo de Alfayate), p.155.	PICATOSTE. (Termo de cozinheiro), p.498.
<b>Termo de oleiro</b>	<b>Termo de marceneiro</b>	<b>Termo náutico</b>	<b>Termo de marinhagem</b>
ENCHACOTAR. (Termo de Oleyro), p.89.	ESQUADRO. (Termo de Marceneiro), p.292.	ENFUNADO. (Termo náutico), p.112.	ESCORTINADO. (Termo da Fortificação), p.223.
<b>Termo de medico</b>	<b>Termo astronómico</b>	<b>Termo militar</b>	<b>Termo de apicultura</b>
EPIALA. (Termo de Medico), p.174.	EPICYCLO. (Termo Astronomico), p.155.	ESCALA. (Termo militar), p.202.	ESCARÇAR. (Termo de Colmeyeiro), p.211.
<b>Termo de sapateiro</b>	<b>Termo de costureira</b>	<b>Termo de impressor</b>	<b>Termo de pedreiro</b>
ENTRANHADO. (Termo de sapateiro), p.147.	ENTREMEYO. (Termo de costureira), p.154.	GALE. (Termo de impressor), p.13.	ENVASAMENTO. (Termo de pedreiro), p.158.
<b>Termo de cavalaria</b>	<b>Termo químico</b>	<b>Termo de joalheiro</b>	<b>Termo de alveitaria</b>
ENGARGANTAR. (Termo de cavallaria), p.115.	ENCORPORAMENTO (Termo de chimico), p.94.	JAÇA. (Termo de Joalheiro), p.5.	ESCARÇA. (Termo de Alveitar), Enfer- midade do casco do cavallo, p.211.
<b>Termo de alfândega</b>	<b>Termo de carpinteiro</b>	<b>Termo de artilheiro</b>	<b>Termo de guarda- infante</b>
TARA. (Termo de alfandega), p.47.	ESCARVA. Termo de carpinteiro, p.213.	ESCARAVALHO. Termo de Artilheiro, p.211.	POLHEIRA. (Termo de guardainfante), p.574.
<b>Termo de ourives</b>	<b>Termo de arqui- tectura /geografia</b>	<b>Termo de fortificação</b>	<b>Termo genealógico</b>
MAÇARICO. (Termo de ourives), p.232.	PETIPÊ. (Termo da Architectura & da Geographia), p.471.	ESCORTINADO. (Termo de fortificação), p.223.	ENTRONCAR. (Termo genealógico), p.158.
<b>Termo de navio</b>	<b>Termo de batalha naval</b>	<b>Termo farmacêutico</b>	<b>Palavra de cirurgião</b>
BRANDAES. (Termo de navio), p.184.	BORDO. (Termo de batalha naval), p.159.	XAROPE (Termo phramaceutico), p.612.	CARUNCULA. (Palavra de cirurgião), p.172.

Termo de armeria	Termo teológico	Termo forense	Termo de lapidário
COTICA. Termo de Armeria, p.590.	EMANAÇAM. (Termo theologico), p.35.	FACULDADE. Termo forense, p.11.	FACETA. Termo de lapidário, p.8.

Quadro 5 – Marcação diatécnica ou profissional<sup>10</sup>

Contudo, a certas palavras aplica-se a combinação entre uma marca diatécnica e uma marcação de outro tipo – diacrónica, diatópica ou diastrática –, o que permite uma circunscrição mais completa do uso específico de termos como os abaixo transcritos:

ENTRELOPO. (Termo do commercio da Guiné). Navios entrelopos. São os que vão negociar à costa da Mina, fora da Companhia. (BLUTEAU, 1713, p.154)

JULAVENTO. (Termo Náutico, hoje pouco usado). Vide Sotavento. (BLUTEAU, 1713, p. 221)

## A marca 'termo do Brasil'

*Brasil. Grande região da America Meridional descoberta por Per<sup>o</sup> Alves Cabral [...].*

*Brasil. Pao vermelho, pesado, & muito seco. [...]*

*Brasil. Tomase às vezes por homem natural do Brasil [...].*

(D. Rafael Bluteau, *Vocabulario*, 1712, p.185)

No *Vocabulario* de Bluteau, as unidades lexicais relativas ao Brasil dizem respeito sobretudo à fauna,<sup>11</sup> à flora, aos acidentes geográficos, aos utensílios, aos gentios, ao tipo de propriedade ou exploração agrícola. As palavras para referentes brasileiros são assinaladas sobretudo pelas expressões 'termo do Brasil' ou 'palavra do Brasil', destacadas do resto do enunciado lexicográfico por meio de parênteses. Contudo, casos há em que a marca se restringe à informação diatópica 'do Brasil', antecedida da natureza do referente (animal, planta, árvore, fruto, etc.), procedimento do qual se tem exemplo a seguir:

<sup>10</sup> A título de curiosidade, acrescentam-se ainda exemplos retirados dos volumes correspondentes às letras B, C, E, G, J e M: "Boleo. (Termo do jogo da pela)"; "Boquimolle. (Termo de Alveitar)"; "Espaldeta. (Termo do jogo da Argola)"; "Mate. (Termo do jogo do xadrès)"; "Carampam. (Termo de Impressor)"; "Enfrechadura. (Termo de marinhagem)"; "Enho. (Termo de caçador)"; "Envergues. (Termo de marinhagem)"; "Escodar. (Termo de pedreiro)"; "Galdrape. (Termo de marinhagem)"; "Jenolim. Termo de pintura"; "Maniquim. (Termo de Pintor)"; "Engrecer. (Palavra de Agricultor)"; "Enterreirar. (Termo de Agricultura)".

<sup>11</sup> Não sendo objectivo deste trabalho tratar da questão dos 'brasileirismos', também não se faz aqui uma síntese nem dos dados nem da bibliografia relativa ao assunto, remetendo-se apenas para Boléo (1943); Silva Neto (1963); Chaves de Melo (1981); Cunha (1987); Pires de Oliveira (1999); Murakawa (2005; 2006).

URUMBERA. Planta do Brasil, & especie de Jamararú, ou de Cardo agreste. Acha se somente nas matas desertas. O tronco todo espinhoso, alto, direito, & com algũa semelhança de pinheiro de Europa, ainda nas folhas, Vasconcel. Noticias do Brasil, 252. (BLUTEAU, 1721, p.593)

A definição extralinguística ampara-se na comparação por ‘género próximo’ e baseia-se na descrição física do referente, cuja natureza e extensão se coloca num plano equivalente ao da enciclopédia. A análise de um corpus extraído do *Vocabulario* permitiu identificar uma tipologia enunciativa para este tipo de entrada. Esta é apresentada em maiúsculas, não raro sendo completada por uma informação respeitante à pronúncia do lexema; a marcação diatópica vem a seguir. Depois figura a definição, regra geral sob forma descritiva do referente, descrição essa que tem extensão variável, conquanto chegue a ocupar muitas linhas ou mesmo colunas, intercalando as fontes ou acrescentando-as no final do verbete. Embora a definição já tenha sido tratada em outro lugar (GONÇALVES, 2003, p.299-410), vale a pena retomar alguns aspectos da micro-estrutura do *Vocabulario*. Com efeito, à entrada e à marca ‘termo do Brasil’ segue-se a definição genérica (planta, árvore, fruto, raiz, por ex.), completada por uma descrição (definição descritiva) assente na comparação das características físicas ou propriedades (cor, tamanho, formato, sabor, aroma, etc.) dos referentes com as de outros, bem conhecidos na Península Ibérica. A definição poderá compreender a menção da utilidade dos referentes descritos. Disto se conclui que a perspectiva aplicada a este tipo específico de referentes é a onomasiológica, própria de um “dicionário de coisas”, posto que a informação extralinguística prevalece sobre a (meta)linguística, não obstante esta ocorrer sempre que o lexicógrafo introduz explicações relacionadas com as denominações indígenas ou portuguesas das unidades descritas. Da dicionarização da realidade exótica brasileira sirvam de exemplos os seguintes casos.

#### (1) Termos do Brasil relativos ao mundo vegetal

ANANÁS, ananás. Fruto do Brasil. He da feição de huma pinha de Portugal; o gosto, & o cheiro a modo de maracotaõ o mais fino, suas folhas são semelhantes às pencas das da erva babosa. A cabeça do fruto ornou a natureza cõ hum penacho, ou grinalda de cores aprazíveis: esta separada, & entregue à terra he Principio de outro ananas semelhante, alem de que dentro no mesmo fruto nasce semente delle em quantidade [...]. (BLUTEAU, 1712. p.360)

CAJAZEIRO. Arvore do Brasil altíssima; dá hũs frutos, como grandes Ameixas reinoes, verdes, & amarelos. Vasc. Notic. Do Brasil, pag. 266. (BLUTEAU, 1713. p.41)

CAJU, Cajù. Planta do Brasil. Desde a raiz até a ultima vergôtea tem esta plata muitas utilidades. O mais tosco do tronco serve de tintas pretas; o mais interior a modo de camisa da aos cortidores tinta amarela; a madeira do tronco, & braços para a carpintaria dá curvas, & liames fortíssimos. Brota em flores de branco vivo sobrosado, com suave fragrância, & até as folhas tem cheiro aromático. Distilla hum licor christallino, que se congela em goma, da qual os Índios usam para muitos remédios. O fruto desta arvore he hum pequeno pomo feito de dous, ou dous, que fazem hũ, & ambos de diversas especies. Ao primeiro chamaõ *Caju*, he fruta comprida a modo de pero verdeal, porém mayo: huns sam amarelos, outros vermelhos, outros tirãõ a huma, & outra cor, todos succosos, frescos, & doces, quando acesoados. Tirada a castanha do *Cajè*, que tẽ semelhança de rim de lebre, vaõ os Índios espremendo às mãos, ou à força de certo género de prensa, a que chamaõ *Tipiti*, & apartado o licor em grandes alguidares, o vão lançando em talhas, onde como em tinas de lagar serve, & se torna em vinho puro, & generoso, & he o que bebem com mais gosto, & guardaõ largos tempos em cabaços, para regalo de seus mayores banquetes. Por esta fruta contaõ os naturaes da terra seus annos; o mesmo he dizer tantos Cajus, q̃ tantos annos, & na verdade parte he da felicidade natural desta gente, & por isso sobre esta fruta armaõ duas mayores guerras. *Vid.* Notic. De Brasil do Padre Simaõ de Vasconcellos. O Padre Maffeo, liv. 2. da sua historia da Índia, pag. 30. lhe chama, *Cajutium*. Barbuno na Historia universal das plantas. Tom. 1. liv. 3, pag. 336. lhe chama, *Cajoum*. (BLUTEAU, 1712, p.41)

CIPÓ. Cipó He o nome commum, que daõ os Portuguezes no Brazyl a todas as ervas grandes dos matos, as quaes sobem taõ alto, como as mayores arvores, & se abraçaõ com ellas. [...]. Cipó de cobras, ou Erva de N. Senhora, Erva do Brasyl, que trepa, tem os talos tenros, redondos, verdes, & viscosos. As folhas são da figura do coração, & cada huma fica apartada da outra. As flores são amarelas, & pallidas, & constaõ de outo folhas. As folhas pisadas, & mastigadas são soberano remédio contra o veneno das serpentes, & a raiz he admirável contra o mal de pedra. [...].

Cipó finalmente no Brasyl, he huma casta de vime, ou certa arvore, cujos ramos podem servir de vimes. Nestes páos, armaõ outros por tecto com hum, modo de vimes, a que chamaõ *Cipós*. Vasconc. Notic. do Bras. pag. 123. [...] (BLUTEAU, 1712, p.320)

GBANEMIXANA. Arvore do Brasil, que tem fruto a modo de ameixas çaragoçanas. *Vasc. Noticias do Brasil*, pag. 264. (BLUTEAU, 1713, p.512)

IABOTICABA. Arvore do Brasil. Seu fruto nace no mesmo pão da arvore desde a rais até o ultimo das vergonteas, com taõ grande abundancia, que quasi naõ se enxerga o tronco. He preto, redondo, do tamanho de hum pequeno limaõ; & de sabor de uvas. Suave até para enfermos. Ex. Vasconc. Notic. do Brasil, 265. (BLUTEAU, 1713, p.4)

JACARANDÁ. Jacarandá, ou Pao santo. Arvore do Brasil de duas especies, branca, & negra. O Jacarandá negro, he muito duro, & cheira. O Jacarandá branco, não tem cheiro; dá humas folhas pequenas, pontiagudas, luzidias, & directamente oppostas humas ás outras nos ramos, em que nagem. Entre estas folhas sahe huma flor, de uma só folha, quasi redonda, amarella, & cheirosa. O fruto he de huma figura irregular, pesado, torto, & cheo de huma substancia verde, tirante a branco. O Gentio usa delle em lugar de sabaõ; tambem fazem cozer o ditto fruto, & o comem, & chamaõlhe na lingoa da terra *Manipoy*. (BLUTEAU, 1713, p.4)

IAMACARU. Jamacarù, ou Iaracaty, ou Vrumbeba. Planta do Brasil. He genero de Cardo agreste, espinhoso, informe, amigo de lugares secos, & arenosos. Das muitas espécies desta planta, as principaes são duas. A primeira, que de ordinário nace nas prayas, & lugares secos, & armado de espinhos. Deste, em lugar de ramos, nagem outros troncos, os quaes brotão em flores graciosas, brancas, & de excellente cheiro. A estas succedem no tempo do veraõ humas frutas vermelhas, na grandeza, & feitio semelhantes a hum ovo de Pato, no interiore branquissimo, mas cheo de sementes [...]. (BLUTEAU, 1713, p.8)

IAPINABEIRO. Planta do Brasil. He semelhante ao Cojazeira. Seus frutos, como grandes maçaaas, servem aos Índios igualmente de comer, & enfeite com sua tinta [...]. (BLUTEAU, 1713, p.14)

MANDIÔCA. Raiz como cimoura, ou nabo, que he toda fatura do Brasil. Produz um talo direito da altura de hum homem, ornado de folhas repartidas a modo de estrellas. A flor e a semente são pequenas. Tem mandioca debaixo de si nove especies [...]. Tira-se da terra, raspase, lava-se, & depois de ralada, espremida, & cozida em alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão Vimoyipabá, os Portuguezes, somo, se faz farinha de três castas, a saber farinha ralada, que dura dous dias, meyo cozida, que dura seis mezes, & cozida de todo, até que fique seca, ou torrada, a que tambem chamão, Farinha de guerra, que dura hum anno.[...] (BLUTEAU, 1716, p.286)

MANGÁBA. Fruto da Mangabeira, planta do Brasil. *Vid.* Mangabeira. (BLUTEAU, 1716, p.290)

MARACUJÁ, ou segundo Glielme Pison, Murucujá. Herva do Brasil, & da nova Espanha. Hoje he conhecida em Portugal [...]. (BLUTEAU, 1716, p.317)

PETIAL. Pao do Brasil, muito duro, & de huma cor, que tira a amarello. (isto é, petiá ou pequiá). (BLUTEAU, 1720, p.470)

PITOMBEIRA. A arvore do Brasil, seu fruto he a modo de Nespas, porém muy doce, & de cheyro suave, que recende a almíscar. Vasconc. Noticias do Brasil, pag. 264. (BLUTEAU, 1720, p.538)

Além das entradas autônomas, acima exemplificadas, os termos do Brasil registam-se ainda em subentradas, isto é, no âmbito de uma entrada geral. É o que acontece com “pao Brasil”, “pao d’arco” ou “pao gamelo” os quais, integrados no verbete correspondente a “pao”, figuram por isso em minúsculas, conforme se mostra de seguida:

Pao Brasil chamaõ os Portuguezes à planta, que os naturaes chamão *Ibirapitanga*. Tem a casca fusca, armada de pequenos espinhos, ramos, & folhas oppostas humas às outras, & flores a modo de boltas, mas ocas, & do comprimento de dous dedos. He do tamanho dos nossos carvalhos, & as vezes taõ grossos, que tres homens não o podem abraçar. [...] (BLUTEAU, 1720, p.229)

Pao d’arco. Arvore do Brasil, a que os naturaes chamão *Guirapariba*, ou *Vrupariba*. Lança folhas muyto verdes em molhos, cada molho quasi sempre de cinco folhas. Da flores amarellas, que na Primavera cobrem a arvore, & fazem fermosissima vista. (*ibid.*)

Pão Gamelo. Arvore do Brasil, a que os naturaes chamão, *Coapsiba*. (*ibid.*)

Pão d’alho, ou cipó d’alho. Planta do Brasil, a que os naturaes chamão *Ibirarema*, & em alguns lugares, *tipi*. [...] (*ibid.*)

Pão podre. Arvore do Brasil, que da bolotas. Os naturaes lhe chamaõ, *Guabiporacaiba*. He huma das especies de outra arvore do Brasil, a que os Portuguezes chamaõ *Pão molle*, & *Pão podre* [...]. (*ibid.*)

O mesmo se verifica no que tange às espécies de pimenta (“pimenta rabuda”, “pimenta malagueta”, “pimenta da terra”, “pimenta redonda”, “pimenta doce”, “pimenta de galinha”, “pimenta dos Índios”), que figuram como subentradas de PIMENTA, sendo as suas respectivas descrições acompanhadas de referências ou de citações de fontes que se completam umas às outras.

Pimenta rabuda. Parece, que he o mesmo que pimenta de rabo; porém na sua *Histr. das plantas do Brasil*, cap. 72, Guilherme Pison diz, que no Brasil os Portuguezes chamaõ Pimenta Rabuda, huma planta, que da folhas da feyção da arvore Til, juntamente com hũs molhos de bainhas compridas, cheyas de hũs pequenos grãos redondos, como os da papoula, & mordiscantes ao gosto, como pimenta, & acrescenta que estas bainhas se encurvaõ, como cauda de rato, donde parece lhe veyo o nome de pimenta rabuda. O dito Author lhe chama, *Piper candatum* [...]. (BLUTEAU, 1720, p.509)

Pimenta malagueta. Dizem que a primeyra veyo de Angola, & os Índios do Brasil lhe chamaõ *Quiyà*, & *Quiyaqui*. (*ibid.*)

Pimenta da terra. He a que os Portuguezes cultivão nas hortas do Brasil, a que os Índios chamão Quiyà, & segundo Guilherme Pison lib. 4. cap. 75 he a mesma que também os Portuguezes chamão, Pimenta malagueta [...]. (*ibid.*)

Pimenta redonda. Segundo Gulhelme Pison no lugar citado, he hũa das especies da pimenta, a que os Portuguezes do Brasil chamão, *Pimenta da terra.* (*ibid.*)

Pimenta doce. He outra especie da *Quiyà* do Brasil, chama-se assim, porque ainda ã se coma crua, não tem acrimonia algũa. He hũ dos melhores acepipes da mesa dos Portuguezes, & dos Índios do Brasil, principalmente em dias de peixe [...]. (*ibid.*)

Pimenta de gallinha. Planta do Brasil, a que outros chamão Herva do Bicho, & herva Moura; os Índios lhe chamão *Aguaraquiya* [...]. (*ibid.*)

Pimenta dos Índios. No Brasil deraõ os Portuguezes este nome a hũa planta, que os Índios chamão *Nhandi* [...]. (*ibid.*)

Idênticos procedimentos ocorrem nas entradas relativas à fauna brasileira, cujos termos ora aparecem como entradas autónomas, ora como subentradas, consoante se mostra na exemplificação a seguir:

(2) Termos do Brasil relativos ao mundo animal

ARARA. He huma especie de papagayo grande, que se cria no sertão do Brasil. He vermelho, semeado de algumas pennas amarellas, & tem as azas azuis, & hum rabo muyto comprido. (BLUTEAU, 1712, p.467)

COTIA, Cotía, por outro nome *Aguti*: Animal do Brasil. He huma especie de coelho, mas com orelhas redondas, & com algumas feycoens de porco, ao qual arremeda também no grunhir. Macacos, *Cotias*, Lontras. Vasc. Notic. Do Brasil, pag. 289. (BLUTEAU, 1712, p.590)

EMA [...]. Ema he a ave, a que o Gentio do Brasil chama *Nhnaduguacu*, como se vê na Historia do Brasil de Jorge Marcgravio, lib. 5, cap. 1, pag. 190. A Ema, ou Emen, que vio Clusio, & da qual faz menção o P. Eusebio Nitremberg, ainda que Macho, se chamava Ema. Supposto tudo isto, claramente se vê, que Ema não he propriamente abestruz; como o da a entender o author da Historia da Guerra Brasilica [...]. (BLUTEAU, 1713. p.35)

IACARÉ, Iacaré, ou Jacaré. Nome, que os do Brasil dão aos Crocodilos; os do Congo lhes chamaõ Cayman. Não só nos rios, mas também em humas lagoas do Brasil ha Jacarés, muy semelhantes

aos Crocodilos de Africa. Do sebo, & outras partes destes fez grande estimação, porque são medicinaes, & em lugar de almiscar servê de excellente cheiro. Da carne deste animal não só usaõ os Índios para seu comer, mas também os Portuguezes. Quando querem os Indios caçallo buscão hum entre todos, que seja innocente, & manso, a que elles chamaõ *Nheraneigma*, & logo este escolhido [...]. (BLUTEAU, 1713. p.4)

MARIGUÊ, ou Marigui. Especie de mosquito do Brasil, negro, & muito pequeno, que não apparece senaõ em dias de grande calma, principalmente de tarde, & costuma irse por em humas arvores a que chamaõ Manguês. Vid. Glielme Pison, livro 2, cap. 82. pag 38. (Todo cuberto de huns mosquitos, chamados vulgarmente mariguês. O P. Vasconc. Vida do P. João de Almeida, p. 189). (BLUTEAU, 1716)

MARIMBONDA. Especie de vespa do Brasil. Os naturaes lhe chamaõ *Cupuerçu*. Faz seu ninho em arvores na extremidade dos ramos. Segue, & persegue aos viandantes. No mesmo instante que assalta, pica, & logo voa. Faz picada muita dor. (*Marimbonda Lusitanis insectum*, Guilielm. Pison no Index. (BLUTEAU, 1716)

PAPAPEIXE. Ave do Brasil, a que os naturaes chamaõ, *Juaguacati Guacu*. Derãolhe os Portuguezes estes nome, porque vive do peixe que apanha na agua com hũ bico negro, & direyto, que tem alguns tres dedos de comprido. Faz Jorge Marcgrave a descripção desta ave, *lib. 5, Hist. Avium, cap. 3*. (BLUTEAU, 1720, p.239)

TAMENDUA. Animal do Brasil, quasi do feito de caõ, ou de raposa, mas tem o focinho muito comprido, como também a língua, & esta muito delgada, instrumento próprio para apanhar formigas, porque a mete nas rachas, & cavidades dos troncos das arvores, & recolhendo-a cuberta de formigas, as engole. Prouvera a Deos, que no Brasil houvera muitos destes bichos *Myrmecophagos*, ou Papa-formigas, teria a dita terra muito maior abundancia de frutos. Também tem o Tamendua unhas compridas, com que rapando, & cavando a terra, até debayxo do chaõ persegue as formigas. (BLUTEAU, 1721, p.35)

Para ilustrar nomes de animais em subentradas, atente-se nos exemplos a seguir:

Pao de galinha. Bichinho do Brasil, negro & com azas. Criase em terras humidas, & alagadiças, & roe as raizes das canas de açúcar. Os naturaes lhe chamaõ Guirapeacoca. Vid. Guilielm. Pison. Cap. 17. lib. 3. Hist. Plant. (BLUTEAU, 1720. p.230)

PAPAGAYO. Ave conhecida, que remeda a falla do homem, & a voz dos animaes, & para este effeyto lhe deu a natureza lingua carnosã, & larga, capaz para articular syllabas, & pronunciar distinctamente

palavras. [...] & no Brasil se chama *Aiara*, ou *Aiuruturuca*, ou *Tui*, *Tuiete*, *Tuipara*, &c conforme as suas diferentes especies, & pelo contrario todos os nomes, que na Europa se dão a esta ave, são analogicos, porque os Portuguezes, & Castelhanos lhe chamaõ, *Papagayo*, os Italianos, *Papagallo*, ou Flamengos, & Alemaens, & antigamente os Francezes, *Papegay*, os Inglezes, *Popingay*, os Polacos, *Papuga*, &c [...]. Cita Plínio, Hist.

**Papagayos contrafeytos**, chamaõ no Brasil aos papagayos, que os Tapuyas depeñaõ, quando saõ pequenos, & os pintaõ de varias cores. Vid. Georg Marcgrave. *Histor. Avium*, lib. 5. cap.11. [...]. (BLUTEAU, 1720, p.236)

### (3) Termos do Brasil relativos a outro género de referentes

Nesta secção incluem-se accidentes geográficos, objectos, utensilios, produtos e elementos minerais.

BOTOQUE. Botôque chamaõ no Brasil a pedra, que os Índios metem na barba, furada para este effeito, & he seu principal ornato [...]. (BLUTEAU, 1712, p.170)

CACHOEIRA. (Termo do Brasil). Assim como os moradores do Nilo chamáraõ Catadupas as aguas, que deste rio de altísimos montes se precipitaõ; assim no Brasil chamáraõ os Portuguezes Cachoeira as aguas do Rio S. Francisco, que sendo navegável até quarenta legoas pela terra dentro, no fim destas se precipita de altura medonha, & fervendo como em cachoens estas aguas despenhadas, foy o lugar deste precipício chamado Cachoeira. Vid. Noticias do Brasil do Padre Simaõ de Vasconcelos, pag. 50. em outros lugares da sua Historia da este Author o nome de *Cachoeira* a outros semelhantes precipícios de aguas. Vid. *Catadupa*. Vd. Cachaõ. (BLUTEAU, 1712, p.26)

CARAMURU. Caramurù. Na lingua do Brasil, quer dizer o homem de fogo. Deu o gentio do Brasil este nome a Diogo Alvarez, natural de Viana, ã navegando para Villa de S. Vicente, fez naufrágio, & entre os destroços da fazenda, poz em cobro alguns barris de muniçoens, & hum arcabuz, com que matou hum pássaro novidade, que espantou os Gentios de sorte, que imaginarão que contra suas vidas cahia o Ceo [...]. (BLUTEAU, 1712, p.136)

MERIGANGA. Pedra artificiosa, que hum Gentio ensinou a fazer a hum Religioso da Companhia de JESUS, em agua, onde se conserva a receita della. Serve contra os estillicidios, para o scarrho dos moribundos; he boa para a sciatica, &c. applica-se em quantidade de quatro grãos até seis em mel de abelha, ou em marmelada. *Curvo*, *Memorias de vários simplices*, pag. 20. (BLUTEAU, 1716, p.39)

PATIGUÂ. (Termo do Sertão do Brasil). He como cayxa de palhas, em que o Gentio guarda a rede, cabaço, cuya, &c. (Seu mayor enxoval

vem a ser hũa rede, hum patigua, hum pote, &c. Vasconcelos, Noticias do Brasil, pag. 122). (BLUTEAU, 1720, p.318)

PITA. He palavra do Brasil & o nome de huns fios amarelinhos, com que antigamente se faziaõ os pespontados dos punhos das camisas. Na sua Histor. Das Plantas, livro 2, diz Jorge Marcgrac. Que a herva Pita he huma espécie de Maguei, (outra planta do Brasil) & por isso alguns lhe chamaõ, *Maguei de Pita*, he muito espinhosa, & a sua raiz muito fibrosa; das folhas desta planta se fazem huns fios muito delgados, & muito fortes, com que as Índias tecem hũs panos muito finos, & mais estimados que os que fazem com os fios de outras plantas [...]. (BLUTEAU, 1720, p.535)

No enunciado correspondente à entrada AÇUCAR (*açucrer*, ou *assucar*), encontra-se o termo “engenho” e a sua descrição, ali se registrando ainda outros termos usados no Brasil, como “açúcar barido” e “mascavado”.

Engenho de açúcar. O Gentio do Brasil lhe chama *Ibira babaca*, & *Ibira parangana*.<sup>12</sup> Ha engenho de Boys, ou com mayor commodo, de cavallos, & engenho de agoa. [...] Açucar barido, chamãõ no Brasil ao melaço, que tornando a hir novamente às tachas depois de coalhado, ou em ponto, se faz açúcar; com elle se fazem tintas [...]. (BLUTEAU, 1712, p.117)

Em função de critérios ortográficos da época, sob a entrada ROCA, ocorre uma referência à “roça”, tipo de propriedade ou terra agrícola:

Roça no Brasil, he a horta, ou quinta em que se semea mandioca chamãõ-se assim as quintas do Brasil, porque são em terras, em que roçou o mato, queymando, cortando, & arrancando as arvores. Vid. Quinta [...]. (BLUTEAU, 1720, p.350)<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> O “engenho”, o seu funcionamento e a produção do açúcar são descritos com bastante pormenor: “[...] Este ultimo he de tres maneiras; porque ou a agoa não chega e não a parte inferior da roda, & chamase *Rasteiro*, ou toma a roda pello meyo, & chamase *Meyo copeiro*, ou cahe de cima sobre a roda, & chamase *Copeiro*. Anda este moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda de tres rodas, que tem dentes, chamãõlhe, *Roda de agua*, *Rodete*, & *Bolandeira*, os rayos da roda mayor são dobrados, & chamãõlhe, *Aspes*, & *Contrages*. Hum, & outro engenho tem tres eixos muito grossos, feitos de huma madeira durissima, a que chamaõ, *Jacapucaya*. São estes eixos chapeados de ferro, & sobre grossas traves atravessadas a que chamãõ *Pontes*, & *Chumaceiros*) se resolvem, & as traves, que sustentão todo o engenho, chamãose Virgens da moenda. A cana enxuta, que os Negros põem a moer, chamase Bagaço, & o licor que se exprime, vem cahindo em hum vaso, a que chamãõ *Coche*, & dali por canos vai dar na casa das caldeiras, as quais são varias, para varios ministerios, porque hã caldeira de mear, caldeira de coar, & outros vasos de cobre, a que chamãõ Barrella de meado, Barrella de coado, Tacha de receber, de cozer, de bater, Bacia de esfriar. Finalmente levase o açúcar a casa de purgar, donde com barro molhado com agoa fria, se faz branco, deixando no fundo em menos quantidade ao mascavado, que separão do branco, fazendo-o partir ao Sol, & accommodar em caixas, em que se reparte da Cidade de Lisboa para toda a Europa [...] (BLUTEAU, 1712, p.117).

<sup>13</sup> As abonações são extraídas do P. António Vieira e de uma obra intitulada *Vida do Padre João de Almeida* (BLUTEAU, 1720, p. 351).

O mesmo acontece com “rede”, termo que é colocado sob a entrada genérica de REDE.

Rede. Tecido grande de algodão, em que o Gentio do Brasil, & outros dos das Índias occidentaes dorme, pendurando-o do tronco de hũa arvore a outra [...]. (BLUTEAU, 1720, p.171)

Na “dicionarização do Brasil” poder-se-á ainda inscrever tudo o que se prende com as formas de nomear ou adjectivar realidades brasileiras, tendo sido registadas as seguintes palavras e expressões: “brasiis”, “brasilianos”, “os do Brasil”, tal como se observa nas entradas e subentradas abaixo transcritas:

Brasil. Tomase às vezes por hum homem natural do Brasil. (BLUTEAU, 1712, p.186)

MACAZÂR, ou Macassar, ou Macaçar. [...] Algũs dos seus moradores imitão no traje aos Índios Brasilianos, porque andão nus com a pelle lavrada, se os Tapuyas furão os beiços, elles furão as orelhas, & tingem os dentes de preto. Os do Brasil conservão as caveiras dos inimigos, que matarão na campanha [...]. (BLUTEAU, 1716, p.232)

A exemplo da variação diatópica registada em Portugal, também para o Brasil se identificam realizações regionais dignas de serem dicionarizadas, consoante se observa em:

IGARVANA. Palavra do Maranhão, que val o mesmo, que Nautico, ou Senhor da nao. (As suas embarçaçoens, que são canoas, se chamaõ na sua lingua Igara, e delle nome Igara derivaraõ a denominação de Igaravanas, como se dissessemos os Nauticos, os artifices, ou os senhores das nãos. Vieira, Historia do Futuro, 305. (BLUTEAU, 1713, p.512)

MACÛMA. No Rio de Janeiro val o mesmo que Escrava. (BLUTEAU, 1716, p.238)

Além dos anteriores, termos do Brasil são igualmente os nomes de povos indígenas, conforme ilustram as entradas seguintes, ambas baseadas no testemunho do Pe. Simão de Vasconcelos, fonte privilegiada de Bluteau:

TAMÔYOS. Povos da América, na Capitania do Rio de Janeiro. Vasconc. Noticias do Brasil, pag. 156. (BLUTEAU, 1721, p.26)

TAPÛYAS. O mais bravo, & barbaro Gentio do Brasil, na Capitania do Espirito Santo, & entre as Capitancias de Pernambuco, & do Rio de Janeyro [...]. (BLUTEAU, 1721, p.47)

Embora, em rigor, não caibam entre os brasileirismos, no *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino* (1727-1728), D. Rafael Bluteau arrola hipocorísticos dados no Brasil a certos nomes portugueses, tanto masculinos como femininos. Desconhece-se quais as fontes em que Bluteau colheu tais informações, mas o destaque conferido àqueles nomes aponta para uma peculiaridade onomástica da língua portuguesa em território brasileiro, caso contrário o lexicógrafo não os teria compilado, sob o título de *Nomes Proprios usados dos Portuguezes no Brasil* (Bluteau, 1728), num volume que contém vários Catálogos específicos. Ali estão reunidos os diminutivos dos seguintes nomes, cuja grafia se manteve: Thereza - *Tete*; Brizida - *Bibi*; Maria - *Catute*, ou *Macota*; Catharina - *Catita*; Leonor - *Nono*; Úrsula - *Yeyu*; Manoel - *Mandù*; Francisca - *Chica*.

### **As fontes relativas ao Brasil**

Como já foi referido antes, a prática lexicográfica de D. Rafael Bluteau caracteriza-se pelo recurso à abonação textual para exemplificar o uso da palavra-entrada, aspecto que pressupõe a selecção das obras de referência. Relativamente às entradas marcadas como “termo do Brasil” ou “palavra do Brasil”, o significado e o usos específicos dessas unidades lexicais são abonados a partir de fontes pertencentes a géneros como a crónica, o relato, a narrativa de viagem, assim como obras de cariz científico, dos domínios da botânica, da farmacopeia, da medicina, por exemplo. Entre os autores de obras relativas ao Brasil, cujos nomes se encontram no *Catalogo dos autores portugueses, segundo as materias, que tratarão* (BLUTEAU, 1712, p.i), salientem-se os seguintes: Pero de Magalhães de Gândavo (*Historia da Provincia de Santa Cruz do Brasil*, Lisboa, por Antonio Gonçalves, 1579), Simão de Vasconcelos (*Noticias curiosas do Brasil*, Lisboa, por João da Costa, 1668), Francisco de Brito Freire (*Historia da Guerra Brasilica*, Decada I. Lisboa, per João Galvão, 1675), Simão Estaço da Silveira (*Relaçam das cousas do Maranhão*, 1624), Manuel Pimentel (*Arte pratica de navegar, & Roteiro das viagens, & costas marítimas do Brasil Guinë, Angola, Índias, & Ilhas Orientaes, novamente emmendado, & acrescentado do Roteiro da costa de Espanha, & mar mediterraneo*, Lisboa. Na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1699), Bartolomeu Guerreiro (*Jornada dos Vassallos de Portugal, para restaurar a Bahia*, por Mattheus Pinheiro, 1625), João de Madeiros Correia (*Relação da Restauração da Bahia*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1625; *Relaçam da tomada de Recife, itamaracà, Paraiba, &c.* Lisboa, na officina Craesbeckiana, 1654). Ademais destes, cita Garcia de Orta (MURAKAWA, 2003), conquanto o seu nome não figure no Catálogo de Autores. Sem embargo da importância das fontes portuguesas, os enunciados de Bluteau, no que tange às

definições descritivas de plantas e animais do Brasil, são subsidiários sobretudo de duas Autoridades estrangeiras: o holandês Wilhelm ou Guilherme Piso (1611-1678) e o alemão Georg Markgraf ou Jorge Marcgrave (1610-1644), cujas obras em latim, publicadas em 1648,<sup>14</sup> resultavam da observação directa, visto que Marcgrave, integrado na expedição de Nassau à colónia holandesa, contactara directamente com a natureza brasileira. Os trabalhos destes dois naturalistas constituíam ao tempo de Bluteau verdadeiras enciclopédias do mundo animal e vegetal daquelas paragens exóticas. Isso explica que o Autor do *Vocabulario* recorra a tais obras para abonar o uso de termos do Brasil, embora o seu enunciado lexicográfico resulte, não raro, do cruzamento dos dados de uma fonte portuguesa com os daqueles autores, cuja autoridade, quanto aos termos do Brasil, fica atestada em exemplos que traduzem, ainda, o rigor da remissão para a fonte, ao indicarem autor, obra e página. São citados igualmente os seguintes autores: Barbuno<sup>15</sup> (*Historia plantorum universalis*), Curtius, Scipione Maffeo (*Historia da India*, 1588).

MAMAMOEIRA. Arvore do Brasil, com que os naturaes chamaõ *Papai*. Os Portuguezes lhe chamaõ Mamamoeira, porque o fruto que da, tem feição de mama. Tem muita folha, & pouco ou nenhum ramo. He sempre verde, & carregado de frutos. Ha desta planta macho, & femea. Vid. Georg. Marcg. Hist. Plant.102. (BLUTEAU, 1716, p.276)

MANGABEIRA. Arvore do Brasil do tamanho das nossa cerejeiras. Produz hūas flores brancas a modo de Jasmims, & frutos a modo de ameixas grossas, hūas redondas, outras ovadas, que não são boas de comer, senão quando cahem da arvore. Jorge Marggravo chama esta arvore, Mangabiba, & Mangaiba (Mangabeira, cujo fruto em suavidade de gosto não concede ventagem a muitos de Europa. O P. Simão de Vasconc. Noticias do Brasil, pag. 164). (BLUTEAU, 1716, p.290)

O exemplo precedente atesta que Bluteau confrontava os dados recolhidos em obras portuguesas e estrangeiras. Das últimas não fez qualquer rol, pelo que apenas a leitura dos verbetes revelará as fontes consultadas. Porém, casos há em que o Autor não aponta qualquer fonte, como se vê em

ARATICU. Planta do Brasil. He arvore, muy fresca de tres especies; cujos frutos tem feytio de pinha. O a que chamaõ Araticuaepe, he doce. O a que chamaõ *aratigoacu* toca de agro doce, muy fresco para tempo de calma. A terceyra especie não se come". (BLUTEAU, 1712, p.467)

<sup>14</sup> A obra de Piso intitulava-se *Historia Naturalis Brasiliae*; a de Margrave, *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*. Foram publicadas em conjunto na cidade holandesa de Leyden.

<sup>15</sup> Tratar-se-á de Jean Bauhin (1541-1613) ou Bauhinis.

Ciente de que esta seria a primeira dicionarização dos 'termos do Brasil', em língua portuguesa, Bluteau disponibiliza informação que hoje excede o razoável para um dicionário de língua, imprimindo ao *Vocabulario* uma dimensão enciclopédica ou pré-enciclopédica, denotada quer na quantidade, quer na natureza dos dados aduzidos. Por outro lado, ao fazer a marcação diatópica relativa ao Brasil, a obra lexicográfica de Bluteau estabelece um diálogo interlinguístico entre o português e o tupi, na medida em que muitas palavras assinaladas com aquela marca têm origem nessa língua indígena do Brasil. Às entradas lexicográficas com esta procedência, designativas sobretudo de animais, plantas, utensílios ou outras realidades, vale a pena acrescentar unidades lexicais arroladas no *Vocabulario de Termos Commummente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros, trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental*, incluído no *Supplemento*. Entre outras, ali estão reunidas as seguintes palavras indígenas: *Albara, Ambaiba, Anda, Amongeaba, Aguaxima, Araca (Hervas, e Arvores); Amaore guacu, Arome-pixuma, Amore-tinga, Aracadel (Peixes); Arabo (cobra); Acaja, Aguapè, Androsaca, Apeiba, Arucaiba (Plantas do Brasil); Bacoba, Basourinha (Plantas); Boiaguacu (Cobras); Camararajuba, Caopia, Cupouna (Hervas e Arvores); Caaguacu, Caaetimay, Caabepa, Caapenga, Camacary, Camaru, Caraguata, Caranaiba, Caraca, Cebipira, Curuba (Hervas e, Arvores); Camuri, Capeuna, Carauna, Ceixupira, Cucuri, Curimata, Corocoro (Peixes); Cabure, Caracara, Cariama, Curicara, Curucui (Aves)* (BLUTEAU, 1728, p.495-500).

## Última nota

Sem pretensão de exaustividade ou de demonstração quantitativa, os dados acima compulsados, serviram para corroborar que o *Vocabulario Portuguez e Latino* de D. Rafael Bluteau foi concebido segundo o modelo do dicionário locupletíssimo e autorizado, conforme asserção de Telmo Verdelho. Com efeito, quer a valorização do fenómeno da variação linguística em todas as suas dimensões e, em especial, o relevo conferido à natureza diassistemática da língua, quer a dicionarização de palavras próprias de todos níveis e usos linguísticos, desde os mais polidos e normativos até aos mais plebeus e divergentes da norma, todos eles amparados em abonações fornecidas por toda a sorte de Autoridades, configuram a singularidade de uma obra deveras monumental, tanto mais que nela, além das características inerentes a um dicionário de língua, foi igualmente investida uma feição enciclopédica, consoante se verificou nas entradas relativas aos termos do Brasil acima transcritas. De fato, a dicionarização de palavras referentes a realidades extra-europeias, sem ser o único, será no entanto um dos mais relevantes e curiosos contributos do *Vocabulario* para a expansão dos

fundos lexicais do português, mercê do ingresso de palavras orientais, africanas e brasileiras, motivo suficiente para que a história do léxico brasileiro e a 'dicionarização do Brasil' tenham na obra de D. Rafael Bluteau uma fonte privilegiada, tanto quanto o é para a metalexigrafia e para a memória linguística do português.

GONÇALVES, M. F. "Termo do Brasil": a lexicographical mark in D. Rafael Bluteau's *Vocabulário Portuguez e Latino*. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.205-228, 2006.

- *ABSTRACT: The aim of this paper is to analyse the lexicographical mark "Brazilian term" in the Vocabulário Portuguez e Latino by D. Rafael Bluteau (1712-1721). This lexicographer compiled, in the form of a dictionary, part of the early 18th century Brazilian vocabulary by including many words related to Brazil ("brasileirismos") in his Vocabulário, stressing them with a particular lexicographical mark. Besides that "mark", this paper also analyses the different types of definition associated to it, as well as the sources used by Bluteau.*
- *KEYWORDS: Lexicographical marks; Brazilian vocabulary; Portuguese lexicography.*

## Referências bibliográficas

BOLÉO, M. P. *Brasileirismos*. Coimbra, 1943.

BLUTEAU, R. *Vocabulário portuguez, e latino*. Coimbra: Colégio das Artes, 1712. v.1-2.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário portuguez, e latino*. Coimbra: Colégios das Arte, 1713. v.3-4.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário portuguez, e latino*. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1716. v.5.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário portuguez, e latino*. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1720. v.6-7.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário portuguez, e latino*. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1721. v.8.

\_\_\_\_\_. *Suplemento ao vocabulário portuguez e latino*. Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, 1727-1728a. v.1.

\_\_\_\_\_. *Suplemento ao vocabulário portuguez e latino*. Lisboa: Patriacal Officina da Musica, 1727-1728b. v.2.

\_\_\_\_\_. *Prosas portuguezas recitadas em diferentes Congressos Acadêmicos*. Lisboa: José António da Silva, 1728. 2v.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. ver. e acresc. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CUNHA, C. *Que é um brasileirismo?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ETTINGER, S. La variación lingüística en lexicografía. In: \_\_\_\_\_. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p.359-394.

GONÇALVES, M. F. As “autoridades” no vocabulário português e latino (1712-1728) de D. Rafael Bluteau. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 7., 2002, Providence. *Actas...* Providence: Brown University, 2002a. 15p. CDRom.

\_\_\_\_\_. O “Prólogo” o “Catálogo de Autores” do vocabulário português e latino: as idéias lingüísticas de Bluteau no contexto da historiografia da língua portuguesa. In: \_\_\_\_\_. et al. (Org.) *A descrição do português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: FCL-UNESP; Cultura Acadêmica, 2002b. p.25-65

\_\_\_\_\_. Vocabulário português e latino de Rafael Bluteau: aspectos da estrutura e da definição lexicográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 18., 2002, Porto. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2003. p.399-410.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

MARQUILHAS, R.. Em torno do vocabulário de Bluteau: o reformismo e o prestígio da norma no século XVIII. In: MATEUS, M. H. M. (Coord.) *Caminhos do português*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. p.105-118.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MÜHLSCHLEGEL, U. Anticastellanos, y misoportuguezes tengan paciencia: Rafael Bluteau como mediador entre o português e o espanhol. In: KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIESS, B.; SCHÖNBERGER A. (Ed.) *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*. Frankfurt: Domus, 2002. p.145-157.

MURAKAWA, C. A. A. Garcia d’Orta: fonte de referência para Bluteau. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 18., 2002, Porto. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2003. p.591-599.

\_\_\_\_\_. Brasileirismo: um registro lexicográfico desde o século XVIII. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 20., 2004, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2005. p.745-755.

\_\_\_\_\_. *António de Moraes Silva: lexicógrafo da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

PORTO DAPENA, J.-A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

SILVA, F. I. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. v.7.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo do português no Brasil*. 2. ed. aum. e rev. Rio de Janeiro: INL, 1963.

THIELEMANN, W. (Ed.) Língua culta, palavras antiquadas, plebeísmos: a linguagem e a sociedade portuguesa na época do Marquês de Pombal. In: \_\_\_\_\_. *Século XVIII: século das luzes, século de Pombal*. Frankfurt: TFM, 2001. p.51-97.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2002. p.15-64.

WERNER, R. La definición lexicográfica. In: ETTINGER, S. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p.259-328.

### **Bibliografia consultada**

CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARCGRAVE, J. *História natural do Brasil*. Tradução de Mons. Dr. J. P. de Magalhães. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

MURAKAWA, C. A. A. As obras de Bluteau e Morais na lexicografia portuguesa. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Tübingen. ENGLEBERT, A. et al. (Ed.) *Actes...* Tübingen: Max Niemeyer, 2000. v.4, p.433-439.

\_\_\_\_\_. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p.153-159.

NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2002.

VASCONCELOS, S. *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.